

A HISTÓRIA DAS EXCLUSÕES SAUSSURIANAS NO BRASIL

Álisse Cristina da SILVEIRA
Universidade Federal de Uberlândia(UFU)
alisse_cristina@hotmail.com

Resumo:

No ano em que comemoramos o centenário morte de Ferdinand de Saussure, seus textos ganham nova atenção e muito devido ao surgimento dos textos inéditos inéditos. Tais textos mostram-se uma nova possibilidade de compreensão do CLG. E por isso, pensar Saussure torna-se cada vez mais uma atividade complexa. Assim, este trabalho visa analisar o lugar que os conceitos de sujeito, história e referência ocupam em Saussure, mas na busca de compreender se a recepção dada no Brasil ainda é possível de sustentação. Ou seja, pretendemos compreender se a defesa da existência de exclusões em Saussure podem ser sustentadas após o conhecimento e divulgação dos textos inéditos.

Palavras-chave: sujeito, referência, sujeito, exclusão, manuscritos, Saussure.

No ano em que se completa o centenário de morte de Ferdinand de Saussure, seus textos novamente ganharam maior atenção. Tendo em vista que são diversas as tentativas de compreender da maneira mais clara possível, quais foram os direcionamentos oferecidos por ele, visto que há muito tempo não podemos pensar no genebrino apenas pelo Curso de Linguística Geral¹. Quando afirmamos a não possibilidade de pensar Saussure apenas pelo CLG, o fazemos cientes de que antes mesmo da publicação da obra, alguns manuscritos já haviam sido descobertos e, posteriormente, mais textos inéditos surgiram, oferecendo assim a chance de conhecermos a fundo o que realmente foi elaborado pelo fundador da Linguística.

É preciso destacar que ao salientarmos o surgimento dos textos inéditos não pretendemos desmerecer o CLG. Queremos sim, enfatizar que tais textos oferecem a oportunidade de melhor conhecer não apenas Saussure, como linguista; mas também, de entender de que forma ele conseguiu elaborar os pilares centrais para a fundação da ciência que hoje chamamos de Linguística. Defendemos então, que talvez haja a possibilidade de, à luz dos textos inéditos, haver uma complementação do que foi editado e publicado pela alunos de Saussure.

Desde que a publicação do CLG e da fundação da Linguística, muito foi dito sobre as contribuições do genebrino, assim como, várias foram as leituras dadas aos seus conceitos. E nesse sentido, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a recepção dada no Brasil sobre os conceitos de sujeito, referência e sujeito a fim de compreender se, ante os textos novos, pode ser sustentada a perspectiva de exclusão desses mesmos conceitos.

A fim de atingir nosso objetivo, iniciaremos pelo CLG, expondo o lugar que tais conceitos ocupam na obra; em seguida, traçaremos a recepção desses conceitos no Brasil, e por último nos apoiaremos em perspectivas que, apoiadas nos novos textos, lançam um novo olhar sobre o que já foi dito e interpretado desde a fundação da Linguística.

1. Sujeito, história e referência em Saussure via CLG

Somente nos é possível pensar a Linguística como hoje a concebemos graças a corte epistemológico que foi feito por Saussure, ao delimitar o que pertence ou não ao campo da língua, ou seja, o que está inserido no âmbito do objeto de estudos do linguista. Mas

¹ Doravante chamado de CLG.

compreender a importância de tal gesto só nos é possível quando temos conhecimento do modo como a língua foi tomada em vários outros momentos antes da concretização desse corte.

O Estruturalismo do século XX não terá, portanto, de introduzir, em Linguística, a noção de estrutura, que nela se encontra desde o começo. Sua originalidade será antes estabelecer, pela reflexão acerca das línguas, uma nova significação para essa palavra; transformar a ideia de estrutura, e não aplicá-la. (DUCROT, 1968, p. 26)

Podemos perceber que o corte epistemológico feito por Saussure é feito em uma posição conflituosa, pois resultou da convergência de perspectivas anteriores. Perspectivas essas que privilegiaram o objeto da Linguística de diversas formas e, por isso mesmo, suscitaram questionamentos os quais puderam, com a proposta saussuriana, chegar mais próximo de uma resposta.

Gostaríamos de ressaltar o uso da palavra **significação**, pois ela contextualiza bem o papel que os axiomas de Saussure tiveram: não de caráter inédito, mas de reformulação, reelaboração. Assim, não podemos em momento algum, falar de criação de conceitos, posto que coube a Saussure dar uma nova dimensão aos conceitos que já lhe estavam disponíveis.

Essa questão e sua resposta [qual o objeto da linguística], diferida, são aquelas de um teórico da linguística e é como tal que, com razão, apresenta-se Saussure frequentemente; mas essa questão teórica, à qual o *Curso* se propõe a responder, é suscitada a princípio por uma preocupação de linguista pesquisador, que é, por muitas razões, a de um gramático; uma preocupação de linguista confirmado, habituado com a análise comparada e a história das línguas tanto quanto com a gramática tradicional, no entanto mais e mais embaraçado pelas dificuldades dos métodos habituais levantam, os problemas que estes não podem resolver e, finalmente, as evidências que eles veiculam e que deveriam ser elas próprias questionamentos: sobre a linguagem, a correspondência entre pensamento e som, a coexistência em qualquer língua de um sistema e de uma história, a manifestação das particularidades individuais no uso comum, etc. (NORMAND, 2009, p.34)

A fim de que possamos situar o modo como o CLG concebe a língua e mais especificamente, os conceitos de sujeito, referência e história, nos utilizaremos da metáfora do xadrez, pois acreditamos que ela exponha bem o modo como tais termos são colocados. Além disso, ela nos oferece a oportunidade de compreender mais facilmente o papel que eles ocupam no funcionamento da língua.

No que concerna à Linguística interna, as coisas se passam de modo diferente: ela não admite uma disposição qualquer; a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria. Uma comparação com o jogo de xadrez fará compreendê-lo melhor. Nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o externo do interno; o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto concerne ao sistema e às regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a “gramática” do jogo. Não é menos verdade que certa atenção se faz necessária para estabelecer distinções dessa espécie. Assim, em cada caso, formula-se-á esta regra: é interno tudo quanto provoca mudança do sistema em qualquer grau. (SAUSSURE, 2006, p. 31-32 – destaque do autor)

Se partirmos do funcionamento da língua, poderemos ver que ao linguista apenas interessará a sincronia, ou seja, não interessa mais o ponto de vista diacrônico uma vez que saber de que forma o jogo surgiu ou mesmo que o criou são perguntas que se tornaram secundárias. Posto que isso pouco importa em seu interior, no seu funcionamento.

Ainda podemos apreender que para o funcionamento do jogo, não interessa o material de que são feitas as peças, visto que podemos substituí-las sem alteração do jogo. Logo, independentemente do objeto que virá a ocupar o lugar de determinada peça, sua função no jogo já está determinada anteriormente. Logo, fica insustentável a perspectiva de língua como nomenclatura, uma vez que a materialidade do objeto é colocado à parte.

“Assim, tanto na perspectiva do signo diádico de Saussure, como na perspectiva triádica de Pierce, a relação de referência deve ser entendidas como a relação do significante e do significado linguístico, e não a relação metafísica do signo com os seus referentes.” (CARDOSO, 1997, p. 436)

Para que possamos compreender o papel do sujeito no funcionamento da língua, é preciso que tomemos como norteador a perspectiva de que somente interessará o que é interno à língua. Tendo em vista que isso nos remete a tudo o que altera algo no sistema, teremos que ao sujeito resta apenas jogar, pois não está em suas mãos mudar as regras que lhe são dadas anteriormente. Seu papel é de apenas colocar as peças em jogo, sem poder interferir ou alterar as regras – ou seja, sem influenciar.

2. A recepção dos conceitos de sujeito, história e referência no Brasil

Para facilitar a compreensão da análise a que nos propomos, trataremos da leitura dada aos conceitos em separado, ou seja, analisaremos cada conceito por vez. Por isso, mesmo iniciaremos pela recepção do conceito de sujeito em Saussure.

Nestas condições, a linguística propriamente dita, ou estudo da LÍNGUA na acepção saussuriana, não abrange o fenômeno linguístico em sua totalidade. Ficam de lado as intenções de manifestação psíquica e apelo, que os discursos individuais, em regra, carregam em si e correspondem à “expressão” de Croce. (CAMARA JR, 1974, p. 27 – destaque do autor)

Com base no que Mattoso no diz, podemos perceber que o conceito de sujeito foi recebido como uma exclusão, uma vez que no jogo da língua concebido pelo genebrino, a vontade do sujeito não foi colocada nesse jogo em momento algum. Mas essa perspectiva não ficou estaque no tempo.

Operando em um outro campo excluído por Saussure, podemos encontrar o tratamento do sentido como remetido à intenção de quem fala. Neste caso o sentido não é a relação com o mundo, como na posição lógica(...), mas é a intenção do locutor dizer algo para alguém. Retoma-se por este modo de considerar o sujeito, o psicologismo, que Saussure evitou de forma decisiva. Trata-se de um sujeito consciente de suas intenções, capaz de comunica-las a alguém. A linguagem aqui aparece como instrumento para o locutor comunicar a alguém suas intenções, ou se se quiser, instrumento para alguém expressar para outrem suas intenções. (GUIMARÃES, 2005, p. 31)

Temos novamente a reafirmação da exclusão do sujeito em Saussure, porém cumpre observar que é evidenciado a inovação trazida nesse conceito, quando se coloca o afastamento do psicologismo. Mas interessa-nos o modo como esse sujeito foi lido – uma exclusão. Assim

“[...] Saussure e, por extensão, os estruturalistas de forma geral deixaram de privilegiar ao preconizar o estudo da língua como sistema fechado em si mesmo: a subjetividade ou simplesmente a categoria de sujeito” (PECENIN, 2011, p. 05). Fica evidente que, segundo tais recepções, o corte saussuriano foi construído a custo da não inserção do sujeito no funcionamento da língua.

Outro conceito tomado como exclusão foi a história. Entretanto, quando falamos aqui em história, queremos dizer da sincronia que antes de Saussure, norteou inúmeras teorias que se debruçavam sobre a língua. E por isso mesmo, tinham o intuito de descobrir lhe a origem, sua evolução, seu passado.

A complexidade do sistema linguístico faz com que ele deva ser estudado fora do tempo, como uma rede de relações sincrônicas [...]. Ou seja, o tempo é uma variável que deve ser desconsiderada no estudo do sistema, pois ele introduz uma complexidade adicional, que tornaria impossível a análise, segundo Saussure.

A questão é que Saussure considera que o sistema linguístico é uma rede de relações totalmente solidárias entre si, quer dizer, uma depende de outra. Dessa forma qualquer pequena mudança em partes do sistema provoca um reação em cadeia e altera todos o sistema. Assim, a mudança linguística, de natureza diacronia deve ficar em suspenso, quando se estuda a complexidade do sistema. (MOURA, 2012, 55-56)

Vemos que de acordo como Saussure situou a língua, a história foi tomada como sendo deixada de lado em busca de uma perspectiva teórica. Ainda podemos depreender do trecho acima de que foi uma escolha consciente e necessária para toda a estruturação dos pilares fundadores da ciência inaugurada pelo genebrino.

Resta-nos agora o conceito de referência, conceito esse que foi, por muito tempo, basilar de muitas teorias, nas quais a língua era tomada como estando em ligação direta com mundo físico. Assim, mais uma vez podemos comprovar em que Saussure foi inovador, pois ao efetuar o corte epistemológico, delimitando o dentro e fora da língua, muito foi revisto, principalmente no que tange à referência.

Como sabemos, Saussure considera que o que interessa é o *valor* de um signo, ou seja, o que nele não é outro signo. [...]

Estes signos são entidades de duas faces, o *significante* e *significado*, ou seja, a questão da significação fica posta também como uma questão das relações internas ao sistema. O significado de um signo é o que os outros significados não são. Ou seja, a significação não é uma relação de representação de um signo relativamente ao mundo, aos objetos, a significação não é, de forma nenhuma, a relação com o objeto fora da língua. O corte saussuriano é a “culminância” bem sucedida teoricamente de uma história de exclusão do mundo, do sujeito, por tratar a linguagem como um percursor só interno: a linguagem expressa o pensamento. (GUIMARÃES, 2005, p. 19-20 – destaque do autor)

De acordo com que o nos foi colocado acima é possível perceber a recepção dos conceitos de história, sujeito e referência em Saussure. Recepção essa que foi taxativa em coloca-los na categoria de exclusão, um não-ter-lugar em Saussure. Assim, ante esse panorama, nos deteremos a alguns estudos que oferecem uma nova possibilidade de compreensão desses mesmo conceitos na tentativa de refletir sobre a pertinência da defesa das exclusões.

3. Uma nova possibilidade de leitura à luz dos textos inéditos

Para que possamos evidenciar de forma mais clara o papel que os textos inéditos possuem para o entendimento dos preceitos saussurianos, nos apoiaremos em pesquisadores que se dedicam a estudar Saussure por meio de seus manuscritos e demais textos inéditos que permitam recuperar de forma mais elucidativa suas palavras.

“O manuscrito saussuriano² abre vias para se discutir alguns meandros de sua teoria e restabelecer um lugar para o objeto da linguística em que o que ficou por de trás do CLG possa ser elaborado” (SILVEIRA, 2001, p. 02) Logo, fica claro que os textos inéditos e aqui estamos falando dos manuscritos saussurianos em específico, podem oferecer nova possibilidade e, acima de tudo, talvez possam mostrar que a defesa de uma ideia de exclusão não mais possa ser sustentada.

Evitando todo o recurso à noção de precursor, sustentamos que Saussure não exclui dos estudos linguísticos a história, tampouco o sujeito ou o sentido. Antes, ele inscreve-se numa tradição que representou uma reação a outra tradição que, esta sim, teria excluído tais elementos, quais seja, a tradição naturalista. (CRUZ, apud FIORIN, FLORES, BARBISAN, 2013, p. 34)

Anteriormente foi colocado que o corte epistemológico saussuriano deu-se como tentativa de responder ao que outras teorias não foram capazes de responder e, isso fica evidente com o que foi dito acima. Assim percebemos que Saussure deu um novo significado ao que já havia sido proposto.

Para que possamos compreender o lugar da história em Saussure, será preciso que retomemos suas palavras:

a cada instante a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução [...]. Parece, à primeira vista, muito fácil distinguir entre esse sistema e sua história, entre aquilo que ele é e aquilo que ele foi; na realidade, a relação que une essas duas coisas é tão estreita que é difícil separá-las. (SAUSSURE³ apud CRUZ, 2013, p. 37)

Apenas pelas palavras acima retomadas, podemos ver que não é vista a possibilidade de uma separação nítida entre história e língua, entre passado e presente. Fato este que nos permite questionar se pode mesmo haver exclusão da história. Mas, cumpre ainda esclarecer de que forma essa situação se coloca no pensamento saussuriano.

Saussure no manuscrito que trabalhamos já antecipa essa preocupação. [...] percebemos a preocupação com que o genebrino trata um estudo geral, como o da linguagem, e o particular, o estudo das línguas. Sendo que o primeiro tem estreita relação com o segundo [...]. Esta preocupação de Saussure se mostra, por um lado, tributária da sua concepção de história enquanto que contingência que o estudo das línguas permite agenciar[...] Contudo, nos manuscritos é patente a preocupação de Saussure em separar o objeto da linguística, embora de caráter histórico, dos acontecimentos da vida humana [...]. (SILVEIRA, 2001, p. 2-3)

² Manuscritos de Ferdinand de Saussure: Première conférences à l'Université (cours d'ouverture, nov. 1981) apud SILVEIRA, 2001.

³ O CLG a que remete a citação é a obra de edição crítica de Tullio de Mauro.

Fica evidente mais uma vez que o genebrino compreende sim que a história é contingente ao estudo das línguas, fato este que não permite dizer que houve uma em suas elaborações. Portanto, seria impossível sustentar uma exclusão quando nos voltamos mais atentamente ao que os manuscritos podem nos dizer.

Ao que parece, o trabalho em torno das fontes manuscritas apresentam, realmente, e, sobretudo, no que diz respeito à Linguística geral, outra apresentação de Saussure. Contudo, esse mesmo trabalho permite mostrar igualmente que o *CLG* também já apresenta esse outro Saussure e que essa representação de um Saussure que teria fundado a ciência da linguagem ao preço da exclusão de uma série de elementos deve ser buscada em outro lugar. (CRUZ, apud FIORIN, FLORES, BARBISAN, 2013, p. 42 – destaque do autor)

Podemos ainda encontrar uma nova posição no que tange ao sujeito em Saussure e para isso, precisamos deixar claro que ao colocarmos aqui o sujeito, partilhamos da perspectiva de que o sujeito participa do funcionamento da língua, como um terceiro termo, a Orelha (SILVA 2010).

A orelha é mais do que a presença do sujeito falante no circuito da fala: ela possibilita a esse sujeito discriminar as imagens acústicas e desencadear a associação entre essas imagens e os conceitos. Através da orelha, o sujeito falante permeia o campo da língua: a orelha não decodifica, ela permite que haja ligação entre significados e significantes, que se instale o discurso. (SILVA, 2010, p. 01)

Notamos portanto, que apesar de não explicitar o sujeito em sua teoria, não podemos trabalhar com a língua sem levar a consideração da sua participação, pois sem ele seria impossível sustentar o gráfico de comunicação – o qual exige, no mínimo, dois sujeitos para que o processo seja bem sucedido. Assim, parece nos insustentável falar de exclusão quando os novos textos abrem a possibilidade de compreender o lugar que é dado por Saussure ao sujeito, história e referência.

4. Considerações Finais

Após um pequeno panorama histórico da recepção dos conceitos de sujeito, história e referência no Brasil, podemos perceber que sustentar uma perspectiva extrema de exclusão hoje não é mais possível, pois os textos inéditos tem muito a acrescentar não apenas ao que foi publicado com o *CLG*, mas também sobre o modo como compreendemos Saussure.

[...] parece ser Saussure, mais que Chomsky, o grande herói, mas também o maior vilão e a principal vítima dos ataques infligidos pelas linguísticas da *fala*, do *texto* e do *discurso*. Se a opção pela *langue*, em detrimento da *parole*, foi amiúde concebida como a circunscrição necessária de um objeto para o estabelecimento de uma ciência autônoma, considerou-se, em contrapartida, que o *corte saussuriano* excluía as unidades transfrásticas, as variedades linguísticas, o texto, e as condições de produção, história, sujeito e o sentido. (HAROCHE; HENRY, PÊCHEUX, apud PIOVEZANI, 2008, p. 9 – destaques do autor)

Se levarmos em consideração a citação acima podemos ter consciência que não apenas no Brasil a ideia de exclusão foi construída. Mas, acima de tudo, após analisarmos a

importância dos textos inéditos na compreensão da teorização saussuriana, fica evidente que dizer de uma ou mais exclusão não é pertinente uma vez que cada vez mais, novas possibilidades de leitura surgem e assim, o CLG deixa de ser a obra principal pela qual podemos retornar a Saussure. Mas ao dizermos isso, queremos apenas evidenciar o papel que os novos textos tem: o de oferecer a possibilidade de leitura e de questionar qualquer teoria que se apoie em um discurso extremista.

Referências

CAMARA JR, Joaquim Matoso. **Princípios de linguística geral:** como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 4. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CARDOSO, Silvia Helena Barbi. **A questão da referência:** das teorias clássicas à dispersão do discurso. Campinas-SP: Autores Associados, 2003.

CRUZ, Marcio Alexandre. Uma contradição aparente em Saussure: o problema da relação língua-história. *In:* FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. **Saussure:** a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto

DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e Linguística.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1968.

GUIMARAES, Eduardo. **Os limites do sentido:** um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 3. ed. Campinas – SP: Pontes, 2005.

MOURA, Heronildes. Uma breve história do tempo na linguagem. *In:* **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 33, 2012, p. 43-60.

NORMAND, Claudine. **Saussure.** São Paulo: Estação Liberdade, 2009

PECENIN, Marcelo Fila. Da estrutura à função, do sistema ao sujeito: breve histórico de identificação de deslocamento de Roman Jakobson em relação ao “Curso de Linguística Geral”. *In:* **Revista Linguagem**, São Carlos – SP, v. 16, n. 1, 201.

PIOVEZANI, Carlos. Saussure e o discurso: O Curso de Linguística Geral lido pelo Análise do Discurso. *In:* **Alfa:** revista de Linguística, São Paulo, v. 52, n. 1, 2008, p. 7-20.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Karen Alves da. Saussure, o sujeito falantes e a orelha analítica. *In:* SEMINÁRIO DO GEL, 58, 2010. **Programação do Evento.** São Carlos – SP: GEL, 2010. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=6768-10>>. Acessado em 01.11.2013.

SILVEIRA, Eliane Mara Leitura de um manuscrito de Ferdinand de Saussure: recolocando a discussão sobre a história da Linguística. *In:* SEMINÁRIO DO GEL, 48, 2001. **Programação do Evento.** São Carlos – SP: GEL, 2001. Disponível em: <http://www.gel.org.br/pdfFiles/livro40anos/INDICE-ONOMASTICO/index_arquivos/SILVEIRA_Eliane.pdf>. Acessado em 01.11.2013.